

38

Revista Portuguesa de História

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 08

Batalha de La Lys: um relato pessoal

GUILHERMINA MOTA
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

A Batalha de La Lys, travada no Sul da Flandres em 9 de Abril de 1918, constitui o momento mais traumático da acidentada participação portuguesa na Primeira Grande Guerra. O seu desenlace feriu profundamente a alma nacional, chegando a falar-se de um novo Alcácer-Quibir¹.

A publicação do documento que junto, o *Relatório de combate de 9 a 12 de Abril de 1918*², não se destina a acrescentar pormenores às circunstâncias do combate. Qual mergulho na poeira multiforme dos dramas individuais, o que nele releva é a perspectiva de um soldado, pequeno elo de uma engrenagem da qual lhe escapa o conjunto e o sentido. Trata-se de uma descrição na primeira pessoa, feita por alguém que viveu a batalha, minuto a minuto, ombro a ombro com os companheiros, tomando iniciativas, partilhando angústias, vendo cair os feridos e os mortos e que de tudo nos dá testemunho. Apesar de o tema ser perturbante, o relato é técnico, o tom é neutro, só aqui e ali deixa aflorar alguma emoção, e talvez por isso mais desembaraçado de cargas ideológicas. É uma

¹ Jaime Cortesão - *Memórias da Grande Guerra*. Lisboa: Portugalia Editora, 1969, p. 224.

² Arquivo pessoal - *Lembranças* (caderno manuscrito).

espécie de fita do tempo, apresentando uma anotação precisa do momento em que ocorreram os diversos eventos em que o protagonista se viu envolvido.

Ao revisitar a batalha, através de uma narrativa pessoal, não assumo o subjectivismo e a simples enumeração de acontecimentos, apenas valorizo o individual, o concreto, o singular, como dimensões necessárias da abordagem histórica.

Neste texto, o discurso não é mera concentração nas palavras, não intenta esfumar o sofrimento e a opressão que a realidade implica, pelo contrário, pretende enfatizá-los, através de um olhar mais rente. Esse olhar é cru, difuso, não apreende, nem tal pretende, a inteligibilidade do acontecido, mas nada tem de trivial ou de insignificante.

O autor do relatório é um jovem alferes que, ao escrever um caderno de “Lembranças” onde reteve fragmentos do vivido na guerra, nos quis deixar a sua própria imagem.



Figura 1 - Raul Pereira de Araújo, alferes de Artilharia
(arquivo pessoal da autora)

Raul Pereira de Araújo, transmontano da vila de Mesão Frio, nasce às 10 horas da manhã do dia 15 de Janeiro de 1892³. Faz a sua Instrução Primária na terra natal e ruma depois à cidade do Porto, onde prossegue os seus estudos,

³ A. U. C. (Arquivo da Universidade de Coimbra) - *Universidade de Coimbra. Certidões de Idade (1901-1925)*, cx. 11.

completando no Liceu Rodrigues de Freitas o “Curso Complementar de Ciências, com inglês”, em 1912⁴.

Tomada a decisão de seguir a carreira militar, resolve fazer o seu Curso Superior no exército. Matricula-se no mês de Outubro desse ano na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra⁵, para cumprir os preparatórios do Curso. Frequenta as cadeiras de Matemáticas Gerais, de Geometria Descritiva e Estereotomia, de Física (Curso Geral) e de Desenho Topográfico, realizando os exames destas disciplinas nos anos seguintes⁶.



Figura 2 - No Penedo da Saudade, em Coimbra
(arquivo pessoal da autora)

Assentou praça em 15 de Janeiro de 1913, tendo feito a recruta no Regimento de Infantaria 23, em Coimbra, em cuja Universidade se encontrava a estudar.

⁴ A. U. C. - *Universidade. Petições de matrícula da Faculdade de Ciências (1912-1913)*.

⁵ A 1.^a matrícula, em Outubro de 1912, é assinada por Francisco António de Varge Maldonado, solteiro, estudante de Direito, residente em Coimbra, por procuração que lhe foi passada em Mesão Frio. A 2.^a matrícula, em Março de 1913, já é assinada pelo próprio.

⁶ A. U. C. - *Universidade. Livro de Matrículas. Faculdade de Ciências (ano 1912-1913)*, fls. 211v-213; e *Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências. Nova Reforma. Exames Práticos – Mathematicas Geraes, Algebra, Geometria Descritiva 1911-1912 a 1924-1925*, fls. 41v, 42 e 82v.

Depois da passagem a pronto, tomou parte em uma Escola de Repetição, levada a efeito pelo Regimento de Infantaria 13, em Vila Real.⁷

Concorreu à Escola de Guerra⁸ no ano lectivo de 1914-1915.



Figura 3 - Na Escola de Guerra. É o terceiro a contar da esquerda, sentado (arquivo pessoal da autora)

Terminado o curso em 1916, foi depois promovido a aspirante a oficial⁹, e colocado no Regimento de Artilharia 7, em Viseu¹⁰. Ainda antes de entrar na referida unidade, passou pela Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, a fazer o curso de tiro¹¹.

⁷ Enquadradas no serviço efectivo, estavam as escolas de recrutas que davam a instrução militar elementar e as escolas de repetição que eram uma espécie de manobras ou exercícios anuais de actualização militar; estas últimas cessaram a sua actividade depois do começo da Grande Guerra. Cf. Luís Salgado de Matos - “República: um «corpo com alma»”. In *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 4. [S. l.]: Círculo de Leitores, 2004, p. 129.

⁸ A Academia Militar, desde o séc. XVII, passou por várias denominações. Com a reforma do exército levada a cabo na República passa a ter a designação de Escola de Guerra que vigorará entre 1911 e 1919, mantendo a sede em Lisboa, no Palácio da Bemposta ou Paço da Rainha.

⁹ Por Decreto de 3 de Fevereiro de 1917 - artº 3.º - (O. E. n.º 2 – 2.ª série - de 8 de Fevereiro de 1917).

¹⁰ Regimento instituído aquando da reorganização do exército efectuada em 1911. Também o de Infantaria 13, em Vila Real, foi criado na mesma altura. Cf. Luís Salgado de Matos - *Ob. cit.*, p. 128.

¹¹ As informações que venho seguindo constam do referido caderno *Lembranças*.



Figura 4 - Em Vendas Novas. É o segundo a contar da direita, sentado (arquivo pessoal da autora)

É promovido a Alferes para a Arma de Artilharia por carta patente de 28 de Maio de 1917¹². Logo no mês seguinte parte para França para integrar o Corpo Expedicionário Português, tendo sido colocado na 3.^a Bateria do 2.^o Grupo de Baterias de Artilharia¹³.



Figura 5 - *Ilustração Portuguesa*. II série, n.º 596 (23 de Julho de 1917), p. 65¹⁴

¹² A. H. M. (Arquivo Histórico Militar) - *Processos individuais*, cx. 716.

¹³ Um Grupo de Baterias de Artilharia corresponde sensivelmente a um Batalhão de Infantaria.

¹⁴ A revista *Ilustração Portuguesa*, que acompanhou as tropas portuguesas na Flandres, era lida na frente, encontrando-se entre os objectos guardados nas trincheiras, como se vê nesta

Vive os meses que se seguem nas trincheiras da Flandres e encontra-se na frente em 9 de Abril de 1918, quando se dá a Batalha de La Lys.

Esta batalha insere-se na investida que a Alemanha desencadeou na Primavera desse ano com o objectivo de quebrar a resistência dos Aliados e acabar rapidamente com a guerra, buscando alcançar a vitória antes que os contingentes norte-americanos, que desembarcavam em França a um ritmo crescente, tomassem parte no conflito¹⁵.

Por outro lado, o novo poder instalado na Rússia, saído da Revolução de Outubro, logo em Novembro assinara um cessar-fogo e em 3 de Março de 1918 firmara a paz separada com os Impérios Centrais. O exército alemão agora com uma só frente de luta na Europa, a ocidental, ficou em condições de lançar uma violenta ofensiva a partir do mês de Março¹⁶, no Somme, visando a conquista de Amiens, a separação dos exércitos aliados e, em última instância, o recuo dos Britânicos até ao mar.

Em simultâneo, volta-se para a Flandres¹⁷ e decide a chamada “Operação Georgette”, concebida pelo general Ludendorff para retomar a cidade de Ipres e abrir caminho até Calais e Boulogne. É nesta operação que se enquadra o combate da planície do Lys.

As forças militares em presença são, de um lado, a 2.^a Divisão¹⁸ do Corpo Expedicionário Português comandada pelo general Gomes da Costa e as Divisões 40.^a e 55.^a do Reino Unido, tudo integrado no XI Corpo à testa do qual estava o general Haking e, do outro lado, o 6.^o Exército alemão, com oito divisões em primeira linha, outras quatro em apoio e mais sete em reserva¹⁹, sob o comando do general Von Quast.

passagem: “por cima dela outras táboas de caixote, formando etagére, onde pousa um regulamento, uma garrafa de cognac, um copo, um pedaço de sabão, um par de *very-lights*, uma ilustração portuguesa e um pacote de velas”. General Gomes da Costa - *O Corpo de Exército Português na Grande Guerra: a Batalha do Lys - 9 de Abril de 1918*. Porto: Edição da “Renascença Portuguesa”, 1920, p. 87.

¹⁵ A primeira intervenção de uma unidade americana na frente ocidental será feita em 6 de Junho de 1918.

¹⁶ Ofensiva que se prolongará sempre com avanços até 18 de Julho, dia em que começa a contra-ofensiva aliada.

¹⁷ Esta intensificação da luta está bem patente na percepção de Jaime Cortesão: “E o coração da guerra começou a bater com mais violência. Dum lado e doutro as artilharias troam sem parança. [...] Já não há uma hora de sossego, desde os começos de Março” (*Ob. cit.*, p. 171).

¹⁸ Reforçada com a 3.^a Brigada da 1.^a Divisão nos inícios de Abril.

¹⁹ Ver, por todos, Ten. Cor. Luís M. Alves de Fraga - “La Lys – a última batalha do exército português”. In *IV Colóquio. A História Militar de Portugal no século XIX. Actas. E Dia da História Militar*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 1993, p. 416.

O Corpo Expedicionário Português (conhecido como o CEP²⁰), que se encontrava em guerra na Europa²¹ desde o ano anterior²², fazia parte do 1.º Exército britânico, comandado pelo general Horne, que ocupava 55 km de frente, desde Armentières até Gravelles.

O Sector Português localizava-se no vale do rio Lys, ocupando uma área que ia de Armentières a La Bassée, de Merville a Béthune. Chegou a ter 14 km de frente e quatro sectores de brigada, Ferme du Bois a sul, Neuve Chapelle e Fauquissart ao centro e Fleurbaix a norte, dois ocupados pela 1.ª Divisão e dois pela 2.ª, divisões que constituíam o exército português na Flandres. Como os Ingleses reconheceram que a frente lusa era muito extensa, esta foi reduzida para 11 km e em Dezembro de 1917 o sector de Fleurbaix foi atribuído à 40.ª Divisão britânica²³. Assim se manteve tudo até Abril seguinte.

Nas vésperas da batalha, a 2.ª Divisão fica sozinha na frente, tomando conta de todo o Sector Português²⁴ – área antes atribuída a duas divisões – com o comando, sediado em Lestrem, entregue a Gomes da Costa. Este oficial chama logo a atenção para as fragilidades desta força, quer pelo número de efectivos, muito abaixo da média, quer pela sua deficiente preparação, alertando que nestas condições era impossível garantir a defesa, adiantando em 4 de Abril: “não posso deixar de desde já declinar toda a responsabilidade que possa resultar de guarnecer uma frente tão extensa com um efectivo tão excessivamente reduzido”²⁵.

Na manhã do dia 9 de Abril, o ataque alemão, procurando infiltrar-se no sistema defensivo, dá-se nos sectores de ligação entre as tropas portuguesas e as tropas britânicas, na ligação com a 55.ª Divisão a sul e com a 40.ª a norte, por forma a isolá-las, explorando a fraca coesão no terreno entre os dois exércitos. Esses movimentos pelos flancos são conjugados com uma duríssima carga frontal nos sectores de Neuve Chapelle, de Fauquissart e de Ferme du Bois, sectores onde se encontra a 2.ª Divisão portuguesa, que vai arcar com a fortíssima investida do 6.º exército que pretendia romper a frente nesta área.²⁶

²⁰ O CEP foi a principal força militar portuguesa que na Europa tomou parte na Grande Guerra sob o comando do general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva. A outra força portuguesa, mais pequena, o Corpo de Artilharia Pesada Independente, ficou ligada ao exército francês.

²¹ Em África, Portugal já se encontrava em combate com a Alemanha, de facto, desde meados de 1914, embora sem declaração formal de guerra.

²² Há companhias de infantaria nas trincheiras desde Abril de 1917.

²³ Mendo Castro Henriques e António Rosas Leitão - *La Lys 1918: os soldados desconhecidos*. Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, 2001, p. 15-16.

²⁴ Segundo a Ordem de 3 de Abril do CEP. Cf. General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 33.

²⁵ *Idem - Ibidem*, p. 44-45, 229 e 234.

²⁶ Veja-se uma representação gráfica das forças em combate, em Mendo Castro Henriques e António Rosas Leitão - *Ob. cit.*, p. 74-75.

A batalha começa às 4,15h com um bombardeamento alemão maciço²⁷, primeiro sobre os postos de comando (dos batalhões, das brigadas, do Quartel-General da Divisão, e mesmo da sede do CEP em St. Venant) e depois sobre as trincheiras, sobre as primeiras e segundas linhas de infantaria. O comando português foi colhido de surpresa e levou algum tempo a perceber que não se tratava de mais um raid, que eram constantes desde o mês antecedente, mas sim de algo de maior envergadura²⁸.

As comunicações ficaram todas cortadas desde as 4,30h, quer as ligações telefónicas²⁹, quer o telégrafo. Com fogo tão intenso também não se podiam lançar os pombos, e as estafetas ciclistas e motociclistas ou não conseguiam passar, pois as estradas estavam intransitáveis, caindo dentro das crateras abertas pelas granadas, ou eram atingidas. Além disso, um espesso nevoeiro não deixava ver os sinais ópticos e impedia completamente qualquer visibilidade por parte da aviação.

Sem comunicações, logo desde o início cada unidade ficou entregue a si própria sem qualquer direção do comando e ficaram também comprometidas as transmissões entre a infantaria e a artilharia que a apoiava. A batalha transformou-se numa série de combates locais de iniciativa dos oficiais subalternos.

Durante horas de bombardeamento pesado, a artilharia germânica conseguiu varrer as linhas de abastecimento e as posições da artilharia, e destruir completamente todas as fortificações da linha de defesa em frente ao sector português. Como a forte barragem do fogo inimigo dificultava o remuniamento, as baterias, por carência de munições, foram-se gradualmente reduzindo ao silêncio.³⁰

²⁷ Avalia-se a violência deste bombardeamento pelo dispositivo de fogo alemão: 1 500 canhões para bater uma frente de 15 km. Cf. Ten. Cor. Luís M. Alves de Fraga - *Ob. cit.*, p. 413.

²⁸ Diz Gomes da Costa (*Ob. cit.*, p. 128): “Apesar da grande violência do bombardeamento, tantos eram eles nos últimos tempos, que supusemos, a princípio, ser apenas um *bombardamento normal*, um *harrassing fire*, ou uma represália aos nossos bombardeamentos anteriores. A certa altura, porém, a crescente intensidade do fogo, a sua marcha de avanço que atingia já o Quartel General da Divisão, fez-me crer em que se tratava dalguma coisa mais séria”.

²⁹ *Idem - Ibidem*, p. 127. Também o General J. Santos Correia (*O nove de Abril e a Primeira Grande Guerra*. Lisboa, 1954, p. 20. Sep. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa (Janeiro a Março de 1954)) nos diz: “Passados uns quinze minutos, como o bombardeamento não afrouxasse e o nevoeiro continuasse cerrado, nada deixando perscrutar, os Comandos trataram de informar-se, pelos seus subordinados e superiores, sobre o que se passava. Surgiu, então, a dura realidade: quase todas as ligações estavam cortadas”.

³⁰ Cf. Alexandre Malheiro - *Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg: (notas dum prisioneiro)*. Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1919, p. 80.

Às 7h, as primeiras linhas de infantaria portuguesa eram “uma massa de escombros, de terra, de revestimentos despedaçados, amalgamados com os cadáveres das guarnições!”³¹

Pelas 7,50h, os soldados alemães, a coberto da sua barragem de artilharia e do nevoeiro, saltam os parapeitos das trincheiras, atravessam a *terra de ninguém*, e atacam directamente as posições defendidas pelos restos dos Batalhões de Infantaria 1, 2, 8, 20, 10 e 17, que os recebem à baioneta até serem completamente avassalados pela enorme superioridade numérica contrária, que avança em ondas sucessivas.

Às 8h, a 40.^a Divisão britânica informa que o inimigo penetrou na sua primeira linha. Uma hora depois, começa a retirar, deixando o flanco português desprotegido a norte. Às 9,30h, as forças alemãs atacam as linhas de separação entre as congéneres portuguesas e inglesas em ambos os lados.

Às 10,15h, os Alemães tomam Rouge-de-Bout, localidade que era defendida pela referida divisão britânica e inflectem para sul contornando os Portugueses pelo seu flanco esquerdo. Às 11h, vindos da zona entretanto conquistada aos Ingleses, tomam Laventie, local onde se encontrava o comando do Sector de Fauquissart.

Às 10,30h, os Britânicos da 55.^a Divisão, a sul, avisam que também vão recuar e estabelecer posições defensivas. Uma hora antes já o inimigo penetrara as primeiras linhas e atacava Givenchy. Assim, as divisões em que os flancos da Divisão portuguesa se apoiavam “retiravam *para formarem flanco defensivo*, deixando aberturas por onde o inimigo penetrou com mais facilidade”³²

A partir desta hora começa a desorganização de muitas unidades, completamente destroçadas, com os soldados errando desgarrados depois de abandonarem os seus postos. Às 11h, em quase toda a frente, os Alemães já tinham conquistado as primeiras linhas. Gomes da Costa limita-se a ordenar a manutenção das posições a todo o custo, a fim de ganhar algum tempo, “esperando que as reservas britânicas acudissem”. Ao meio-dia ainda esperava manter as posições, mas não chegaram reforços da retaguarda.

Às 12,15h, o comandante do XI Corpo ordena a retirada do Quartel-General para Calonne que então abandona Lestrem.

Transposta a zona cuja ocupação estava atribuída à infantaria, as vagas germanas, continuamente refeitas e aumentadas, alcançam as posições da artilharia lusa que são tomadas depois das 13h. No flanco direito, avançam

³¹ Gomes da Costa - “Batalha de La Lys (9 Abril 1918)”. *Ilustração Portuguesa*. II série, n.º 648 (22 de Julho de 1918), p. 62.

³² General Gomes da Costa - *O Corpo de Exército Português na Grande Guerra...*, p. 130.

e circundam as forças portuguesas em Lacouture, onde tropas dos Batalhões de Infantaria 13 e 15 e de um batalhão de ciclistas britânico resistem mesmo cercadas até ao dia seguinte.

Às 15,40h, quando o comando chega a Calonne, onde havia militares portugueses e ingleses, ainda recebe ordens para tomar posição mais atrás na Ribeira de Lawe. Mas foi impossível formar unidades com as tropas que retrocediam completamente dispersas, desordenadas e perdidas pelos caminhos.³³

Como não era prudente deixar tanta gente concentrada naquela povoação, alvo do fogo inimigo, retiraram para St. Venant, com a ideia de aí se reorganizarem.

Durante a tarde e durante a manhã do dia 10, as tropas portuguesas que não tinham recuado, e tinham sido ultrapassadas pelos Alemães, continuavam a combater até se acabarem as munições, e pelotões isolados tentavam reunir-se ao resto das tropas aliadas.

Muitos são mortos e feridos, e milhares são feitos prisioneiros. As hostes portuguesas e britânicas não conseguiram aguentar o embate e cederam perante uma avalanche que chegou a ser na proporção de dez para um.

Feita a resenha do combate, observemo-lo agora a partir de um ponto concreto do campo de batalha, seguindo as palavras do narrador.

Antes de mais coloquemos a unidade a que pertencia no terreno. Estava localizada na parte central das forças portuguesas, no Sector de Neuve Chapelle. Este sector era constituído pela 6.^a Brigada, que tinha o seu Quartel-General em Les Huit Maisons, e envolvia ao todo 159 oficiais e 4197 praças. Tinha na linha de vigilância (a linha A), os Batalhões de Infantaria 1 e 2 – que suportaram o ataque frontal, como vimos –, na linha de apoio (a linha B), o de Infantaria 11 e na linha de reserva do sector (a linha C), o de Infantaria 5. Tinha depois, a 3 ou 4 km da frente, à retaguarda da linha das Aldeias, os Grupos de Baterias de Artilharia 1.º e 2.º e um de metralhadoras pesadas.³⁴

³³ Como afirma Joaquim Ribeiro (*Na guerra: depoimento dum voluntário*. Lisboa: Portugal Brasil - Limitada, [1919], p. 141): “Não houve quem organizasse a retirada. Os soldados vaguearam sózinhos; e assim entraram, desordenados, em cabelo, e até descalços, pelas povoações e cidades, dando uma triste impressão”. Segundo este Autor, pior que a derrota – na altura toda a frente aliada recuava – foi o caos da retirada, sem que ninguém fosse capaz de controlar a situação, ficando a ideia de uma total debandada.

³⁴ General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 76-78.

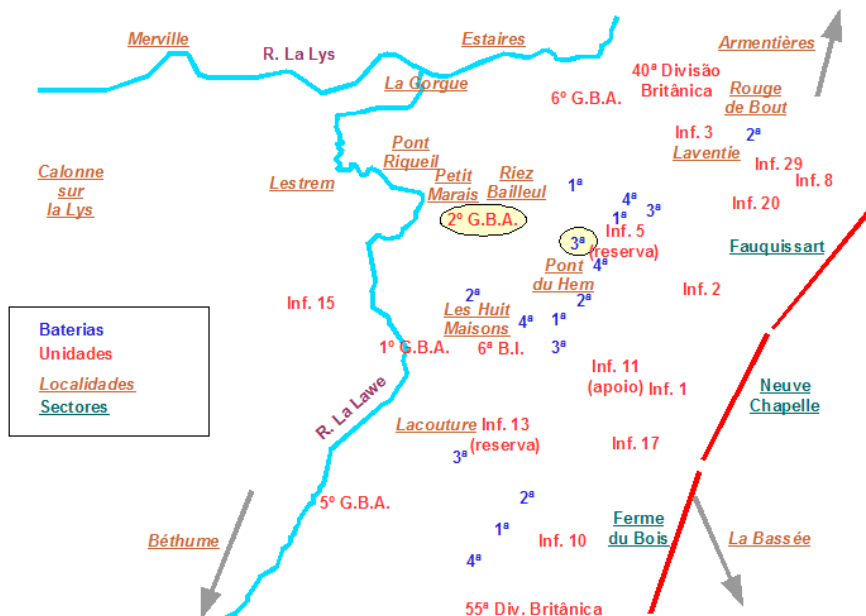


Figura 6 - Localização das forças portuguesas no combate de 9 de Abril

A linha A, defendida por arame farpado, era a linha de combate; a linha B, defendida de igual modo, era a linha principal de resistência dos postos avançados; a linha C, destinada a apoio imediato das duas primeiras, era formada por pequenas obras de construção ligeira, onde se conservavam víveres, munições e água. Estas três linhas ligavam-se entre si por meio de trincheiras de comunicação.³⁵

A infantaria, como luta na primeira zona de defesa, é a arma que tem o contacto directo com o inimigo, que vive debaixo de bombardeamentos contínuos, e por isso é a que mais trabalha, que mais sofre e a que mais perdas tem. A artilharia, colocada numa linha intermédia, a das aldeias em ruínas, tinha por função proteger as unidades de infantaria do seu sector e contrabater o fogo contrário, destruindo ou neutralizando as posições inimigas.

O 2.º Grupo de Baterias de Artilharia, com o comando em Riez Bailleul, entregue ao Major Macedo, era composto por quatro baterias (cada grupo englobava três baterias de peças de 7,5 cm de tiro rápido e uma bateria de obuses

³⁵ Idem - *Ibidem*, p. 62-73.

de 11,4 cm³⁶), com um efectivo de 33 oficiais e 708 praças³⁷. A 3.ª bateria, aquela onde combatia o nosso narrador, encontrava-se em Pont du Hem.³⁸

Situado o narrador no teatro de operações, acompanhemos agora os seus passos.

Apercebendo-se logo da dimensão geral e intensa do bombardeamento, o comandante da bateria, capitão Almiro de Vasconcelos, agiu segundo as determinações gerais que os grupos de baterias de artilharia tinham recebido – “Para parar um ataque de noite, ou com nevoeiro, ou gás, o importante é que a artilharia não perca tempo algum, abrindo prontamente fogo. [...] O comandante da bateria pôr-se-há ao corrente da situação, mas no caso de não funcionar o telefone procederá como julgar conveniente”³⁹ –, tentando imediatamente contactar o comando do Grupo.

A bateria era de apoio e tinha instruções para não romper o fogo sem a competente ordem superior, mas o comandante, verificando logo de começo que tinha quase todas as comunicações cortadas⁴⁰, resolveu fazê-lo de imediato, procurando bater todo o sector⁴¹. Teve, no entanto, o cuidado de informar o que decidira por ocasião do primeiro pedido de remuniamento. Eram então 7,30h⁴².

³⁶ Coronel Henrique Pires Monteiro - *Os Portugueses na Grande Guerra*. Porto: Livraria Lello Editora, [s. d.], p. 45. Este “obus de 114 mm era conhecido em Portugal como o «Bonifácio»”. António José Telo - “Os começos do século”. In *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 4. [S. l.]: Círculo de Leitores, 2004, p. 374.

³⁷ Este Grupo perdeu na batalha 6 oficiais e 111 praças. Fez fogo entre as 4,30h e as 12,30h. Cf. General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 77, 150 e 170. Mendo Castro Henriques e António Rosas Leitão (*Ob. cit.*, p. 95) indicam que o Grupo suspendeu o fogo às 11,50h, o que parece mais consentâneo com o relato que ora se publica.

³⁸ General J. Santos Correia - *Ob. cit.*, p. 20. Neste mesmo ponto do campo se situa a narrativa da batalha feita por Pina de Moraes (*Ao parapeito*, 3ª ed., Porto: Maranus, 1924, p. 71-92).

³⁹ General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 127.

⁴⁰ Excepto com as baterias que ficavam mais próximas em linha recta, a 2.ª do 2.º G. B. A. e a 1.ª do 6.º G. B. A. Veja-se a Figura 6.

⁴¹ O que outras baterias também fizeram, como nos diz o tenente coronel Alexandre Malheiro (*Ob. cit.*, p. 78): “Pelos 4 horas e meia da madrugada, fui, porém, súbitamente acordado pelos rebentamentos de numerosas granadas inimigas [...]. A nossa artilharia contrabatia já fortemente a sua adversária, o que levou uma ordenança, ainda um tanto extremunhada, a informar-me erradamente de que todo aquele estardalhaço era feito de cá para lá”.

⁴² O relatório do comando do 2.º Grupo diz que logo de começo ficou com as comunicações cortadas excepto com a 4.ª bateria e que pelas 6h a. m. a 3.ª bateria o informou que abriu fogo de S. O. S. (há aqui uma discrepância nas horas, uma vez que este relatório refere as 7,30h) e, a seguir, as outras baterias fizeram comunicação análoga. Cf. General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 136.

Na hora e meia seguinte, debaixo de um fogo cada vez mais violento, foram respondendo com moderação para não esgotar os recursos, lutando com dificuldades acrescidas resultantes da natureza do terreno lamacento, onde se encontrava a posição, junto de um dos muitos drenos que atravessavam todo o Sector Português. Chegam então os carros com o reforço de munições e chegam também instruções do comando do Grupo, ordenando às baterias que *imprimissem pouca velocidade ao tiro, para economizar munições*⁴³, o que já vinham fazendo por evidente necessidade.

Pelas 9h já soldados de Infantaria 5 retrocediam – era, como atrás se indica, uma unidade da linha de resistência que apoiava a Infantaria 2, a qual às 8,30h estava destroçada –, assim como passavam soldados ingleses a correr para a retaguarda, bem como sapadores mineiros, os quais informavam que a linha de apoio tinha rompido⁴⁴.

Ao mesmo tempo, na 3.^a Bateria, os homens concentravam-se nas suas tarefas, cumprindo as ordens recebidas, e estranhando o encontro com as tropas de infantaria tão atrás das linhas. Dá ideia que não tiveram até tarde consciência do desastre, não compreendendo a crescente desmobilização das forças infantis que passavam nas estradas ou atravessavam os campos. Sem comunicações, não sabendo que o recuo era geral, ainda tentavam fazer regressar soldados a uma frente que há muito estava pulverizada, o que mostra a limitada e distorcida percepção de quem só vê o que se passa à sua volta num campo de batalha.

Às 10,45h, perante a crescente fuzilaria alemã, e a fuga de praças da frente, sentem a urgência de estabelecer contacto pessoal com o comando do Grupo, para o inteirarem do ponto da situação na sua área e para pedirem instruções. Dessa tarefa se encarrega o nosso relator. O comandante do Grupo, sem ordens superiores, e a braços também ele com grandes dificuldades, pois já se ouvia aí na sede o crepitar das metralhadoras inimigas, mais não faz que ordenar a manutenção das posições enquanto fosse possível, deixando ao arbítrio da bateria as providências a tomar.

Às 11,50h, o próprio comando do 2.º G. B. A. recua para o escalão da 4.^a bateria, em Petit Marais, com a certeza de já não haver infantaria na frente e estarem esgotadas as munições. Eram 13h quando deu ordem para retirar⁴⁵.

⁴³ Idem - *Ibidem*, p. 136.

⁴⁴ Segundo informação do 1.º G. B. A., “pelas 9 horas da manhã passavam soldados ingleses a correr para a rectaguarda, bem como praças de sapadores mineiros os quais informavam estar já o inimigo para àquem da *B line*”. Idem - *Ibidem*, p. 135.

⁴⁵ Segundo os relatórios do 1.º e do 2.º Grupo de Baterias de Artilharia. General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 135-137.

Entretanto o nosso alferes regressa ao seu posto, onde depara com uma situação dramática. Na sua ausência, a bateria tinha sido atingida, o comandante gravemente ferido⁴⁶, e as bocas de fogo completamente inutilizadas. Como ficaram incapacitados de continuar, viram-se obrigados a abandonar o local, o que fizeram às 12,15h, seguindo o caminho da retirada, ao encontro do comando do seu grupo, cientes que não havia Portugueses vivos nas primeiras linhas. Tiveram ainda tempo para se assegurarem que não deixavam peças em bom estado, indo tirar-lhes as culatras.

As baterias de artilharia, esgotadas as munições muito cedo, sem possibilidade de se remuniçarem, sem capacidade para contrariar o fogo inimigo, limitaram-se a partir de certa hora a ver morrer homens e animais, a ver feridos abandonados por inexistência ou fadiga dos maqueiros, a ver destruir os abrigos, a ver assolar as posições, debaixo de barragens sucessivas.

Sobrevivendo ao combate, veio o momento do nosso relator tratar de coisas práticas, pois o dia-a-dia voltou a impor as suas rotinas. A lista dos pertences deixados no campo de batalha⁴⁷ dá uma nota a um tempo prosaica e tocante. Na perda do vestuário, do calçado e dos objectos de uso diário, pressente-se a perda mais funda dos hábitos já criados, do conforto possível em situação tão precária. E a perda da espada não deixa de imprimir uma marca simbólica. E se é certo que, no terreno lamacento da húmida planície flandrina, cortada por muitos drenos e canais, uma bengala, ou mesmo um bom pau, era bem mais útil para apoiar a marcha do que uma espada⁴⁸, esta não deixava de ser verdadeiro atributo de autoridade. Arma, aliás, que por decreto os oficiais eram obrigados a possuir.

O conjunto dos bens perdidos também nos permite avaliar o que um oficial português em 1918 poderia ter consigo em tempo de guerra. Antes de mais, o vestuário de agasalho civil ou militar, como o capote, o impermeável

⁴⁶ Jaime Cortesão (*Ob. cit.*, p. 227) dedica a este oficial as seguintes palavras: “Entro no pavilhão e busco com o olhar algum rosto conhecido. As granadas caem, estoiram lá fora. Logo à entrada, dentro duma cama, vejo um homem em quietação extrema. Só a face, cujo tom plúmbeo ressalta na brancura do lençol, narra uma dor horrível. Os olhos estão cerrados, mas a contractura violenta dos masseteres, o latejar das têmporas e o premir raivoso dos beiços, de comissuras caídas, dizem o esforço de não gritar. É o capitão Almiro de Vasconcelos. Um enfermeiro conta-me em voz baixa que tem uma coxa esfacelada”. Também o General J. Santos Correia (*Ob. cit.*, p. 24) refere que “O com. da 3.^a Bateria, cap. Vasconcelos, foi gravemente ferido”.

⁴⁷ Ver Documento 3.

⁴⁸ “Aquela espada, que alguns julgavam brandir em arrancadas de glória, foi substituída por um cacete nodoso em que se amparam os nossos passos sobre as passadeiras viscosas e com que se enxotam os ratos”. Major André Brun - *A Malta das trincheiras: migalhas da Grande Guerra, 1917-1918*. Lisboa: Guimarães Editores, 1918, p. 82.

ou a peliça, esta bem necessária, pelo seu forro de peles, para enfrentar as temperaturas negativas da região nortenha de França; depois os fatos de mescla ou de cotim⁴⁹, calções, camisolas, o dólman⁵⁰ e um fato à paisana, as camisas e a roupa interior. Ainda o calçado: umas botas altas inglesas, umas botas altas de borracha, estas imprescindíveis para caminhar naqueles lamaçais, dois pares de polainas, e um par de esporas, as quais evidenciam a prática de montar a cavalo. Por fim acessórios, como um cinto, um chapéu, dois bonés, duas gravatas e dois pares de luvas. Encontram-se depois os objectos de toilette, um estojo de banho completo e seis toalhas; e as malas. Também um binóculo, parte integrante do equipamento de um oficial de artilharia⁵¹.

Mas nem só objectos terá perdido no dia da batalha. A alegria de viver e a paz de espírito terão ficado abaladas, como se entrevê nestas linhas dirigidas, por carta de 2 de Maio, a um amigo em Portugal:

“O espectáculo flagelante de loucura humana continua em permanente actividade; e, nestas lutas terríveis de ferro e fogo, verdadeiras apoteoses infernaes deslumbrantes de horror, é-me gratissimo saber que ha amigos muito queridos que me lembram e se interessam pela minha sorte. [...]

Como sempre depois da tempestade vem a bonança e eu depois de ver a todos os momentos a morte estou vivo ainda, mas já não é sem que um véo de tristeza me envolva a alma. Não posso esquecer-me dos desgraçados que morreram ao pé de mim, meus companheiros d’armas, e da dôr das familias que não é nem pode ser-me indiferente”. [...]⁵²

Mas ao lado da tristeza também se pode sentir nele alguma revolta, pois, no mesmo caderno de *Lembranças*, junta o poema “O morteiro”⁵³.

Se por um lado a guerra embota os sentidos, por outro, é fonte de inspiração e a produção poética foi um dos poderosos meios de escapar à dura realidade vigente⁵⁴. Através da lírica ou da ironia, abafavam saudades, sublimavam o horror e exorcizavam a morte.

⁴⁹ Os uniformes em cotim de algodão cinzento, que tornavam os soldados menos visíveis, foram adoptados no tempo de João Franco. Cf. António José Telo - *Ob. cit.*, p. 361 e 503.

⁵⁰ Casaco curto usado pelos oficiais do exército.

⁵¹ Eis como o oficial de artilharia Joaquim Ribeiro (*Ob. cit.*, p. 57-58) se prepara para cumprir a escala de serviço: “À uma hora da noite, estava pronto, com o meu capacete de ferro, mascara que nunca nos deixava, um binóculo e uma bengala grossa”.

⁵² Uma cópia desta carta consta do caderno *Lembranças*.

⁵³ Ver Documento 4.

⁵⁴ Alguma poesia foi publicada (por exemplo, Alfredo Barata da Rocha - *Névoa da Flandres (versos)*. Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1924; e Xavier de Carvalho - *Cantos épicos*

Do hábito de versejar nos informam estas palavras:

“Encontro em cima da mesa quatro sonetos. Isto não é um batalhão, é o Parnaso. Um convite para almoço, uma saudação e alguns comentários irónicos a certas galopadas nas trincheiras... e tudo em verso, e um até com ilustrações!”⁵⁵

Muitos dos poemas de guerra são de autores desconhecidos⁵⁶. É provavelmente o caso de “O moiteiro”. Não restará dúvida, porém, pelo que se depreende da leitura, que foi escrito por um alferes. Pelo que, se os versos não pertencem ao nosso relator, com eles devia sentir forte identificação. Neles, não é a qualidade literária que mais importa, mas sim a manifestação do sentir. Através de uma crítica verrinosa, o autor deixa entrever uma grande desilusão com as patentes superiores, insinuando a sua inépcia, a sua tibieza, o seu diletantismo, destacando no “velho solar antigo” a sua origem de classe.

Também Jaime Cortesão considera que “entre os oficiais, por via de regra, quanto mais galões, pior” e aponta o contraste, na disposição das tropas no terreno, entre o martirizado soldado das primeiras linhas e a gente das diversas repartições da retaguarda:

“São primeiro as tropas de infantaria ocupando as trincheiras e os apoios. Segue-se-lhe logo a artilharia de campanha e depois os quartéis de brigada e as ambulâncias da frente, estes últimos gozando já de um princípio de conforto. Vêm depois, por Lestrem e Lagorgue os quartéis-generais de divisão, com as suas muitas e variadas secções: estado-maior, comandos de engenharia e artilharia, serviços administrativos, serviços postais, etc., etc. Tudo isto se agita de automóvel, enverga peliças e braçais, calça botas luzentes e pimponia de cabeça alta.”⁵⁷

Entre esta gente estavam os chamados palmípedes, oficiais do Estado-Maior que andavam de automóvel, aboletavam em *chateaux*, dormiam em camas fofas e altas, com direito a *édredon*, uso de pijama e pantufas e *chauffage* central.

da guerra. Paris; Bruxelas: Gaudio, 1918), mas muita outra se perdeu. Sobre literatura produzida na Grande Guerra, veja-se Ernesto Castro Leal - “Narrativas e imaginários da 1ª Grande Guerra: «o Soldado-Saudade» português nos «nevoeiros de morte»”. *Revista de História das Ideias*. Vol. 21 (2000), p. 441-460.

⁵⁵ Jaime Cortesão - *Ob. cit.*, p. 104.

⁵⁶ Como por exemplo alguns dos que integram o capítulo “Musa das trincheiras” na obra do Tenente Pina de Moraes - *O Soldado-Saudade na Guerra-Grande*. Porto: Renascença Portuguesa Editores, 1921, p. 127-142.

⁵⁷ Jaime Cortesão - *Ob. cit.*, p. 87 e 252.

A par do palmípede estava o cachapim.⁵⁸ Olhado com inveja e desprezo pelos homens que amargavam na frente, era o indivíduo a exercer cargo burocrático ou equivalente, e que conseguia evitar o risco das frentes de batalha.

“Cavou-se um abismo entre nós e a rectaguarda. [...] Ainda se perdôa um pouco aquêles que vêm de quando em quando, de botas engraxadas e nas horas calmas da manhã [...] Mas os outros, os que não vêm nunca, os que só conhecemos pela assinatura que põem em papeis escritos á maquina, para esses não ha na nossa alma de exilados, de sacrificados, desdem que baste”.⁵⁹

Na escala dos ódios da “malta das trincheiras”, os cachapins vinham em primeiro lugar, seguidos do serviço postal e da censura, dos palmípedes, dos morteiros, da brigada e só no fim vinha o “*Fritz*, o *boche* que está ali defronte, a patinhar na lama como nós”.⁶⁰

O porte orgulhoso do alferes de “O morteiro”, que prefere morrer a testemunhar actos iníquos e cobardes, não fere por demasia. A ideia dos alferes, quais condestáveis, verdadeiros paladinos de coragem, com entranhado sentido de missão, em cujo espírito ecoava a história de seus maiores, é um tópos desta literatura de guerra. Talvez não sem razão. Como oficial subalterno, o alferes estava mais próximo do soldado raso e mais exposto com ele ao perigo e à morte. Não era por acaso que a Linha A, a primeira linha de defesa e onde se davam os combates mais encarniçados, era vulgarmente conhecida, entre as forças portuguesas, como a Linha dos Alferes.⁶¹

Os oficiais de mais baixa patente comungavam da dureza das trincheiras com as praças, e por isso estas lhes reconheciam uma autoridade que se firmava na partilha quotidiana da luta e não na simples observância da hierarquia tradicional⁶². Como diz o poema “Alferes”:

“Nesta guerra de rude batalhar,
Ser alfer’s, entre nós, é ser Alguém!
No mais alto da escala militar,
São generais da Terra de Ninguém!...”⁶³

⁵⁸ Os palmípedes e os cachapins são bem caracterizados por Mário Afonso de Carvalho (*O bom humor no C.E.P.: França, 1917-1918*. 2.ª ed. [Lisboa: L.C.G.G.], 1945) e pelo Major André Brun que lhes dedica uma crónica (*Ob. cit.*, p. 129-134).

⁵⁹ Major André Brun - *Ob. cit.*, p. 83-84.

⁶⁰ Idem - *Ibidem*, p. 99-100.

⁶¹ Cf. General Ferreira Martins - *Ob. cit.*, p. 29-30. Pina de Morais (*Ao parapeito*, p. 38) chama à *Terra de Ninguém*, a Avenida dos Alferes.

⁶² O Capitão Augusto Casimiro em “O elogio do miliciano” (*Nas trincheiras da Flandres*. 2.ª ed. Porto: Edição da “Renascença Portuguesa”, 1918, p. 109-115) afirma: “Na fauna das trincheiras um alferes é assim como um elemento primeiro...”.

⁶³ Alfredo Barata da Rocha - *Ob. cit.*, p. 65.

A guerra deixou marcas fundas na alma, com certeza, mas a contínua exposição a condições extremas, pela deficiente alimentação, pelo pouco descanso, pelo stresse e pelo gaseamento, não deixou de afectar também o corpo. Nos meses que se seguiram, o nosso relator vê o seu estado de saúde agravar-se, o que o leva a pedir exame médico. Este conclui pela necessidade de lhe ser concedido um período de repouso “em ares patrios”, para o conveniente tratamento, quer do estado de fadiga apresentado, quer de doença adquirida em campanha.

A Junta Médica a que se submeteu em França, no Hospital da Cruz Vermelha, em Junho de 1918, deliberou conceder-lhe uma licença de 60 dias para “tratamento hydromineral” no Gerês, a qual é depois reduzida para metade pela autoridade militar.⁶⁴

A fim de gozar os 30 dias de licença, parte de França, com destino a Portugal, em Julho de 1918. Vê prorrogadas as licenças sucessivamente durante quatro meses, e estava para voltar ao serviço do Corpo Expedicionário Português, quando, no dia 18 de Novembro, teve lugar o armistício e já não foi necessário regressar àquele país.

Da terrível experiência da guerra, de uma guerra sem piedade, em que os homens manifestaram um total desrespeito e indiferença pela vida humana, não só do inimigo, mas até do próprio soldado, lhe ficou para sempre um certo desencanto e uma saúde debilitada pelos efeitos da iperite que o acompanharão ao longo da vida.

Ficou-lhe também o reconhecimento da pátria na condecoração com a Cruz de Guerra pela “grande coragem e sangue-frio” demonstrados no combate de 9 de Abril⁶⁵ e a prerrogativa de usar a Medalha Comemorativa com a legenda “França 1917-1918” e a Medalha da Victória.

Guardou ainda o capacete e a máscara de gás, testemunhas mudas daquela tremenda tragédia a que eu, na inconsciência da infância, emprestava uma dimensão épica.

⁶⁴ A. H. M. - *Processos individuais*, cx. 716.

⁶⁵ A. H. M. - *Processos individuais*, cx. 716.

Documento 1

C. E. P.

2.^a Divisão

2.º G. B. A.

3.^a Bateria

~~ Relatorio de combate de 9 a 12 de Abril de 1918 ~~

Às 4 horas e 10 minutos⁶⁶ da manhã do dia 9 do corrente mez teve início um violento bombardeamento de artilharia inimiga de todos os calibres e de gaz.

A essa hora, como estava já na cama, levantei-me o mais rapidamente possível, bem como o alferes desta bateria Snr. José de Menezes Torres que dormia no mesmo compartimento. Ainda não tínhamos acabado de nos vestir quando apareceu o comandante da bateria capitão Snr. Almiro José Pereira de Vasconcellos.

Juntos assim dentro do mesmo quarto e logo no começo concordámos, em virtude da grande velocidade de tiro que não permitia um unico momento sem que se ouvissem os rebentamentos das granadas, em que o bombardeamento era para os decauvilles⁶⁷, paralelos a duas faces da Mess e para as estradas que corriam paralelamente também às outras duas faces, mas, vindo cá fora, depressa verificamos que o bombardeamento era geral, ocupando uma grande zona.

Nesta conformidade foi o alferes Torres ao telefone pedindo para a cabine central ligação imediata para o O. L.⁶⁸ que era o Snr. tenente Antonio Gonçalves

⁶⁶ A diversa bibliografia consultada aponta as 4 horas e 15 minutos – com excepção de Jaime Cortesão (*Ob. cit.*, p. 219), Coronel Henrique Pires Monteiro (*Ob. cit.*, p. 56), Pina de Moraes (*Ao parapeto, ob. cit.*, p. 74) e Major Vitorino Godinho (citado por Ten. Cor. Luís M. Alves de Fraga - *Ob. cit.*, p. 414) que indicam as 4 horas – como o momento em que começou o bombardeamento de artilharia alemão. O próprio general Gomes da Costa, embora estabeleça as 4,15h como a hora do início do bombardeamento, a páginas 246 da obra citada diz “Pelos 4 horas”.

⁶⁷ Via de caminho de ferro estreita – que tomou o nome do seu inventor, Paul Decauville – formada por elementos metálicos que se podiam desmontar e transportar facilmente. Foi utilizada em vários domínios como é o caso de explorações mineiras e industriais e no campo militar. Na Primeira Guerra Mundial foi peça fundamental na malha das vias de comunicação.

⁶⁸ Oficial de ligação. Nos comandos de cada batalhão ficava, desde o pôr do sol até pela manhã, um oficial de artilharia que estabelecia as ligações entre o Grupo, as baterias e a infantaria. Cf. Joaquim Ribeiro - *Ob. cit.*, p. 70.

Alvarenga também desta bateria, mas as ligações telefónicas estavam já todas partidas⁶⁹.

Estávamos então debaixo dum verdadeiro e denso círculo de fogo quando saímos da mess em direcção à cabine central, indo o alferes Torres à frente e um pouco mais atrás eu e o Snr. Comandante da bateria. Chegamos à cabine e lá mais uma vez verificamos estarem cortadas todas as ligações exceto para a 2.^a do 2.^o G. B. A. e 1.^a do 6.^o G. B. A.⁷⁰ que, a não ser com a nossa cabine, estavam também completamente isoladas.

Depois disto e atendendo à grande violência do bombardeamento tomou o com.te da bat.^a a iniciativa de romper fogo⁷¹ com os elementos do S. O. S. Grupo⁷², para o que já estavam convenientemente avisadas as guarnições.

Rompeu-se então o fogo às 4h,30m⁷³ com a velocidade de 4 tiros por peça e por minuto.

Às 7h,30m, como o consumo de munições era já grande o Snr. com.te da bat.^a mandou fazer o remuniamento, e, pela mesma ordenança que levava esta ordem ao com.te do escalão da bat.^a, teve S.^a Ex.ia o cuidado, atendendo a que a bat.^a do seu comando era de apoio e tinha recebido instruções para não abrir fogo sem a competente ordem do C. A.⁷⁴, de enviar ao Snr. com.te do grupo a nota que passo a transcrever:

⁶⁹ Situação generalizada no campo de batalha, como já vimos. Gomes da Costa (*Ob. cit.*, p.134) também refere que o Comando da Artilharia não conseguiu ligar com o 2.^o G. B. A.

⁷⁰ Esta bateria, que ficava à esquerda, no sector de Fauquissart, foi intensamente bombardeada com gases e teve mortalmente feridos o seu comandante, tenente Vidal Pinheiro, e o alferes Carrazeda de Andrade. Cf. General J. Santos Correia - *Ob. cit.*, p. 24. Diz Gomes da Costa sobre esta bateria (*Ob. cit.*, p. 140): “Não há elementos para reconhecer a sua acção; teve morto o Comandante, e desaparecidos 2 subalternos”.

⁷¹ “No 2.^o G. B. A., os comandantes das quatro Baterias (cap. Alberto Brandão, ten. Martins, cap. Almiro de Vasconcelos e cap. José Roquete) iniciaram prontamente o fogo, que mantiveram com energia apesar do bombardeamento inimigo, só retirando quando os alemães chegaram perto das posições.” General J. Santos Correia - *Ob. cit.*, p. 24.

⁷² Quando a infantaria necessitava do apoio de uma barragem de artilharia pedia socorro às baterias, ou por telefone, ou, em caso de avaria deste, por foguetes. Sobre a relação entre os infantes e os artilheiros nos fala, por exemplo, o Capitão Augusto Casimiro - *Ob. cit.*, sobretudo p. 121-126 (“Meu irmão artilheiro”) e 221-224 (“O elogio do *very light*”); e Alfredo Barata da Rocha (*Ob. cit.*, p. 125) retrata-as da seguinte maneira no poema “S.O.S.”: “-«Irmãozinho artilheiro, acode agora!... - Anda, metralhador, detém! detém!... *Salvai as nossas almas*, nesta hora, E fazei nossa a terra de Ninguém!...»”.

⁷³ Hora confirmada no “Quadro do Fogo de Artilharia”. General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 150.

⁷⁴ Comandante da Arma. “Em cada grupo, uma bateria, considerada como reserva, só por ordem do comando do grupo devia fazer fogo. Era a bateria silenciosa. Em 9 de Abril, todas

Ex.mo Snr. Com.te do grupo

Urgente

às 7h,30m

Apesar de não ter recebido ordem, em presença dum bombardeamento tão intenso, mandei abrir fogo com S. O. S. Grupo, procurando bater todo o sector.

Como não ha comunicações telefonicas que tenho tentado conseguir, espero ordens de V.^a Ex.ia.

Continuo sendo bombardeado com granadas de diferentes calibres e gaz.

Ainda não tenho qualquer acidente nem em pessoal nem em material.

O comandante da bateria

(a) Almiro de Vasconcellos

cap.

Enquanto os carros de munições não chegaram o Snr. com.te da bat.^a regulou com toda a probidade a velocidade de tiro, pelo que a bat.^a só fazia fogo à sua vóz.

Às 7 horas⁷⁵ começaram a cair mais insistentemente granadas de diversos calibres e gaz, no centro e flancos da posição, mas nem por isso mesmo as guarnições deixaram de conservar um sangue frio e coragem muito para louvar, mostrando-se animadissimas, facto este que levou o Snr. Com.te da bat.^a a dizer-me e ao alferes Torres que tinha vaidade em ser o comandante duma bat.^a que não sabia o que era mêdo e tambem a pedir-nos, no caso delle morrer, que levassemos ao conhecimento superior a necessidade de serem louvadas as guarnições que tão galhardamente se portaram.

Às 8h,30m uma granada de grosso calibre rebentou no flanco direito da posição, junto ao abrigo da 1.^a peça, numa das margens do dreño⁷⁶ ao longo da qual estava situada a posição, que levantou muito lôdo, terra e que, juntamente com os estilhaços, derrubou a armação da camouflagem⁷⁷ da peça, enlameando as munições e tornando impraticavel o tiro durante uns 10 minutos, tempo necessario para limpar tudo de forma a romper de novo o fogo.

essas baterias, exceptuada a do 5.^o G. B. A., fizeram fogo por iniciativa dos seus comandantes". General J. Santos Correia - *Ob. cit.*, p. 24, n. 23.

⁷⁵ Hora a que se dá o início do avanço da infantaria alemã. Cf. Mendo Castro Henriques e António Rosas Leitão - *Ob. cit.*, p. 75.

⁷⁶ "O sector Português estava situado numa planície argilosa, que o degelo ou as chuvas transformavam em lamaceiros, motivo dos muitos drenos que o atravessavam, permitindo a saída das águas para o rio Lys, ao Norte, e para a ribeira Lawe, sua tributária, a Oeste". General J. Santos Correia - *Ob. cit.*, p. 17.

⁷⁷ "No sector aliado, e apesar da planície do Lys ser muito aberta, as posições de artilharia estavam bem dispersas e dissimuladas da observação terrestre e aérea, aproveitando árvores, sebes e outros meios de camuflagem". Mendo Castro Henriques e António Rosas Leitão - *Ob. cit.*, p. 17-18.

A guarnição dessa peça ficou completamente encharcada, mas sempre com a mesma coragem e sangue frio armou imediatamente a camouflagem e depois de feita a limpeza da peça e munições continuou a fazer companhia no fogo às outras peças.

Pouco depois disto uma outra granada rebentou no flanco esquerdo e à frente, um estilhaço da qual entrou pelas costas do 1.º c. s. n.º 409, Lourenço Alves e saiu-lhe pelo peito, que imediatamente foi evacuado, tendo expirado no trajecto segundo me informaram.

Nesta ocasião admirei verdadeira e comovidamente o que é o nosso soldado e como elle sabe manter-se nas situações difíceis.

Às 9 horas chegaram os primeiros carros de munições, acompanhados pelo 2.º sargento Manoel Gonçalves, que foram descarregados na estrada de Riez Bailleul e no ponto mais proximo da posição visto que a esta e num raio de 50m já os carros não podiam chegar devido à violencia do bombardeamento. Foram as granadas transportadas para a posição, atravez dos campos, pelo pessoal disponivel das secções, bem como pelos impedidos dos officiaes.

Enquanto se procedia ao descarregamento o com.te da bat.^a fez uma requisição de munições para o deposito, a fim dos carros devidamente comandados pelo sargento referido, seguirem a remuniçarem de novo, mas a ordenança encarregada de levar a requisição ao sargento já não o chegou a fazer por ter sido ferida, o que soubemos só tarde.

Às 9h,5m chegou uma nota do Snr. com.te do grupo, em resposta à que deixo acima transcrita dizendo que se continuasse o fogo, mas lento, até novas ordens.

Assim estivemos juntos na posição desde que a bat.^a rompeu fogo: eu, Snr. com.te da bat.^a e alferes Torres, salvo quando quaesquer de nós ia à cabine central, situada na estrada de La Bassée, perguntar se alguma ligação telefonica estava já restabelecida, pois nisso andaram empregados alguns telefonistas, e ao encontro de praças de infantaria vindos das 1.^{as} linhas e que seguiam a mesma estrada, a fim de colher informações que pudessem ser uteis ao fogo da art.^a

As opiniões d'elles eram muito desencontradas e por isso mesmo não mereciam confiança, dizendo uns que o inimigo já estava na 1.^a linha, outros na 2.^a e ainda outros que estavam já no comando do batalhão de infantaria n.º 1 em Neuve Chapelle I⁷⁸.

⁷⁸ Segundo informação do 2.º G. B. A., “Pelos 9 horas, soldados do 5 retirando dizem o inimigo em *Riez Bailleul*”. (Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 136). Os Batalhões de Infantaria cobertos pelo fogo de artilharia desta 3.^a bateria eram o 2 e o 5. O primeiro estava dizimado às 8,30h e ao segundo, que era de apoio ao primeiro, foi-lhe dada ordem de retirada para Estaires às 10,30h.

Obriguei a recuar alguns, isto é, fi-los de novo caminhar para as linhas, ao mesmo tempo que lhes apontava a bat.^a fazendo fogo e lhes dizia que tivessem toda a confiança na artilharia que ella só abandonaria as suas posições quando não existissem já portugueses nas linhas. Lá foram mas quando já estava na posição junto dos meus camaradas a contar-lhes o que se passou, novos grupos atravessavam a estrada e os campos em direcção à retaguarda.

Cerca das 10h,20m vi passar na estrada um oficial de infantaria e corri da posição até elle com o proposito de saber noticias, dizendo-me esse oficial que grupos inimigos com metralhadoras tinham rompido a nossa frente e que faziam já fogo que se ouvia a distância⁷⁹. Perguntei-lhe tambem o que ia fazer, respondendo-me que andava a reunir a sua companhia que era de apoio para seguir depois em socôrro dos que estavam nas 1.^{as} linhas.

Estimulei-o e pedi-lhe que não se fizesse esperar com esse socorro e retirei-me para a posição.

Às 10h e 30m já se ouviam bem distintamente as metralhadoras inimigas a trabalhar e na bat.^a tudo corria normalmente, com o mesmo denôdo e com a mesma coragem.

Às 10h e 45m a fuzilaria inimiga crescia de intensidade sobre toda a zona da bat.^a e o Snr. Com.te da bat.^a, em face disso, mostrou desejos de mandar uma ordenança ao Snr. Com.te do grupo para lhe narrar a fuga de m.tos soldados de infantaria e ao mesmo tempo que já se ouvia a fuzilaria inimiga. Convencido que só um oficial podia desempenhar-se bem deste papel, ofereci-me imediatamente para lá ir e trocadas muito rapidamente umas ultimas impressões parti a caminho do grupo atravez dum decauville e debaixo duma barragem intensissima⁸⁰.

Pouco depois das 11 horas cheguei ao comando do grupo, onde me desempenhei, perante o Snr. Com.te do Grupo⁸¹, da missão de que me encarreguei, pedindo instruções.

⁷⁹ Por esta hora, de facto, a frente já tinha rompido.

⁸⁰ Da dificuldade destes movimentos durante a batalha nos dá conta a seguinte passagem: "... quase todas as ligações estavam cortadas e a violência do bombardeamento não permitia as comunicações por estafetas. Destes, uns eram vítimas das barragens, outros não ousavam afrontá-las; só alguns, muito raros, mais corajosos e favorecidos pela sorte, conseguiam atravessá-las, e, ainda destes, poucos regressavam". General J. Santos Correia - *Ob. cit.*, p. 20. Ou então: "Dos agentes de ligação que os vários Comandos tentaram empregar, uns não voltaram mais, porque a morte os surpreendeu no trajecto, antes de cumprida a sua missão, outros retrocederam, também sem poderem cumpri-la, por lhes ser impossível caminhar sob a densa barragem de artilharia do inimigo". General Ferreira Martins - *A cooperação anglo-portuguesa na Grande Guerra de 1914-1918*. Lisboa: Serviços de Informação e Imprensa da Embaixada Britânica, 1942, p. 37.

⁸¹ O comandante era o Major Macedo, como já vimos.

Sua Ex.ia o Snr. Com.te do Grupo disse-me que transmitisse ao meu Com.te da bat.^a que tambem não tinha instruções nenhuma do C. A. e que por isso nenhuma instruções podia dar às bat.^{as}. Disse mais que nos mantivessemos na posição até quando fosse possível e depois d'isso que tomasse o Snr. Com.te da bat.^a as providencias que entendesse.

Nesta ocasião estava sendo a sede do comando muito bombardeada e já na despedida disse-me S.^a Ex.ia o com.te que se fosse necessario alguma coisa que mandassemos ao escalão da 4.^a bat.^a para onde se retirava o comando (Terme de Petit Marais em R 11 d. 10.90). Quando me dirigia de novo à bat.^a e proximo ainda do comando vi o rebentamento duma granada que abateu completamente a secretaria onde momentos antes tinha estado.

Segui o meu caminho em direcção à bat.^a e já pelos campos via muitos infantes deitando-se aqui levantando-se acolá, ao sabor das granadas, que retiravam das linhas e no decauville pelo qual eu seguia encontrei tambem muitas praças de infantaria que eu quiz levar para traz comigo, mas do que logo desisti porque iam com um Sr. oficial dessa arma e de patente superior à minha. Consegui chegar indemne ao fim do decauville e perto da mess, cerca das 11h 35, onde encontrei o alferes Torres que vinha de ajudar a transportar até à estrada que conduz a Riez Bailleul o Snr. Com.te da bat.^a, o qual no decorrer das operações se houve sempre com valentia a ponto de a minha imaginação não conceber que haja melhor serenidade e mais bravura.

Encontrei então o Snr. alferes Torres e tambem o 2.^o sargento Saraiva, e 1.^o c. s. n.^o 360. Comuniquei ao alf. Torres as instruções que trazia do comando e elle contou-me que a posição tinha sido atingida por 3 barragens sucessivas e que o Snr. comandante da bat.^a estava ferido e acabava de o mandar transportar para a retaguarda por alguns soldados. As peças, em virtude das 3 barragens, estavam já inutilizadas, mas na incerteza fomos eu, o alf. Torres, 2.^o sargento Saraiva e 1.^o c. s. 360 à posição tirar as culatras das peças, debaixo duma intensa barragem de metralhadoras inimigas e fuzilaria de toda a especie que se ouvia a curta distancia. Atraz de nós poucos passos vinha tambem o 1.^o c. telefonista 424 que andava a consertar as linhas e que caiu por terra com as pernas estilhaçadas, efeito de uma granada que rebentou perto d'elle, o qual eu logo mandei transportar por outro cabo telefonista (Anibal do Amaral).

Vi tambem na posição o 2.^o sargento Correia, ferido numa perna, o 1.^o c. enfermeiro tambem ferido, os quaes eu e o alf. Torres mandamos transportar para a retaguarda, vindo depois a saber que elles não puderam chegar a um hospital por ser absolutamente impossivel, visto que os homens disso encarregados estavam m.to fatigados e não encontraram já ninguem que os ajudasse nessa tarefa.

Cêrca das 12 horas e 15m⁸², depois de retiradas as culatras e de as termos deitado a um dreño bastante fundo, deixei a posição na companhia do alferes Torres, 2.º sarg.to Saraiva e do 1.º c. s. n.º 360, absolutamente convencidos de que nas 1.ªs linhas, de portuguezes, já só cadaveres existiam e fomos em direcção ao decauville que passava junto da mess para por elle seguirmos até ao Escalão da 4.ª bat.ª ao encontro do comando. Ao passar junto à mess desta bat.ª vi um carro de munições com duas muares mortas e soube ter morrido um conductor que tinha ficado com as pernas cortadas pelos estilhaços das granadas.

Às 13 horas cheguei ao Escalão da 4.ª onde eu e o Snr. alferes Torres (já o 2.º Sarg.to Saraiva e 1.º c. s. 360 tinham-se juntado aos seus camaradas) encontramos o Snr. com.te do grupo e demais officiaes que a cavallo se dirigiam para a posição de socorro do grupo em Nf. Berquin, aonde o Snr. com.te nos disse que fossemos ter.

Sempre na comp.ª do Snr. alferes Torres sahi d'ali e fomos até ao escalão da nossa bat.ª onde chegamos às 12h e 55m⁸³, a fim de o mandar evacuar, mas estava já abandonado quando lá chegamos.

Encontramos ainda no mesmo 5 muares, 3 feridas e duas em bom estado, as quaes aparelhamos e montamos. Às 13h 15 seguimos em direcção a Nf. Berquin (posição de socorro do grupo), onde chegamos às 14 horas e não encontramos lá o comando esperando até às 15 horas e 30 minutos. Soubemos depois que tinha já partido e seguimos então para Merville, onde nos disseram estar o quartel general, mas, uma vez lá, apenas encontramos à porta do H. S. 1⁸⁴ um senhor capitão medico que nos disse que ia para Calonne e que só lá encontraríamos algum comando.

D'ali partimos para Calonne onde já encontramos muitas tropas portuguezas e o comando da artilharia, onde entramos para perguntar ao senhor com.te da artilharia pelo nosso grupo. Respondeu-nos que seguíssemos para Robecq onde de facto encontramos já o grupo, pelas 16h, 30m.

Lá me disse o Snr. Com.te do Grupo que as bat.ªs ficavam nos mesmos boletos que lhes foram destinados pela ocasião do descanso e em vista disso eu e o alf. Torres retiramos a fim de dizermos aos homens da nossa bat.ª que ficavamos ali e que se instalassem.

⁸² Esta bateria foi a última a abandonar a posição, como se vê no “Quadro do Fogo de Artilharia”. General Gomes da Costa - *Ob. cit.*, p. 150.

⁸³ É a hora de retirada desta bateria que vem indicada na obra do general Gomes da Costa.

⁸⁴ Hospital de Sangue n.º 1, sediado em Merville. O Hospital de Sangue n.º 2 tinha sido improvisado no *Hospital das Doidas* em Saint Venant. Cf. Jaime Cortesão - *Ob. cit.*, p. 87 e 219.

Às 17h e 30m, aproximadamente andávamos nós a reunir o pessoal quando chega o E. M. do grupo e nos disse que seguia para a estrada de Thiennes proximo de St. Venant e que nos fossemos lá juntar.

Às 18 horas partimos então para o local indicado, segundo indicação do comando.

Seguimos sempre e já de noite encontramos um soldado, num cruzamento de estradas, que estava dando indicações às diferentes unidades e perguntamos-lhe se tinha visto passar art. 7, mostrando-nos então um papel em que, junto de outras indicações, tinha a de que a art. ficava entre Thiennes e Aire.

Fomos andando sempre e já no Aire ahi pelas 0h, 30m de 10 encontrei o trem do grupo, inquirindo do sargento que o acompanhava onde se encontrava o grupo. Disse-nos, em resposta, que tinha recebido ordem para marchar para Théroouanne onde devia estar já o E. M. do grupo, ou a caminho.

Chegamos eu e o Sr. alf. Torres a Théroouanne às 4 horas do dia 10 e ali estivemos até às 17 horas do mesmo dia, seguindo a essa hora já todo o grupo reunido para Mametz. Ali estivemos até às 5 horas do dia 12, dia e hora em que partimos para Blequin, onde chegamos às 14 horas do mesmo dia.⁸⁵

Em campanha 18-4-1918
Raúl Pereira de Araújo
alferes d'art.^a

Aditamento:

É dever meu dizer que todo o pessoal empregado no remuniciamento se portou bem, e seria criminoso não me referir às seguintes praças que me acompanharam a mim e ao alf. Torres até que estivemos na posição: 2.º sargento Acacio Augusto Saraiva, 1.º c. s. 360, 1.º c. s. 472, Braz, que se portou corajosamente oferecendo-se para missões difíceis e s. s. 454 que por mim foi encontrado na posição a fazer fogo com uma peça.

Em campanha 18 de Abril de 1918
Raúl Pereira de Araújo
alf.

⁸⁵ Esta peregrinação de terra em terra, em busca da unidade a que pertencia, sublinha o que se diz na nota 33.

Documento 2

Itinerário seguido:

Pont du Hem
Pont Riqueil
Estrada de Lestrem
La Gorgue
Estaires
Nf. Berquin
Merville
Calonne
Robecq
Lesachesnar
St. Venant
Isbergues
Thiennes
Aire
Mametz⁸⁶-Thérouanne e Blequin

Documento 3

= Relação dos artigos extraviados =

1 espada
1 cinto
1 pelissa
1 fato completo de calça e calção (mescla)
1 calção de mescla
1 capote
2 bonés
1 fato de cotim
1 mala da ordem
1 valise
2 p. de polainas

⁸⁶ Situada à retaguarda, nesta terra funcionava uma escola preparatória de oficiais milicianos. Cf. Prof. Hernâni Cidade - "Portugal na Guerra Mundial: 1914-1918". In *História de Portugal*. Vol. VII. Barcelos: Portucalense Editora, 1935, p. 510.

1 p. de esporas
 1 p. de botas altas de borracha
 2 camisolas coletes
 6 camisas da cor do uniforme
 3 “ vulgares
 8 p. de ceroulas
 8 camisolas
 24 p. de meias
 2 gravatas
 2 p. de luvas
 24 lenços
 6 toalhas
 estojo de banho completo
 botas altas inglesas
 fato à paisana, sobretudo e chapéu
 impermeavel

Tudo na importancia total de 1:688.00 francos

Nota - Fiz outra relação, segundo a publicada na ordem do C. E. P., e somava a quantia de 1.099.20.

Meti tudo que vinha na relação regulamentar, menos 1 dolman de cotim e o binoculo.

Documento 4

“O morteiro”

Parodia à Lagrima de G. Junqueiro

Noite de frio intenso; uma trincha escavada
 Lugubre, sepulcral, agoirenta ... e mais nada
 Trincheira onde a morte apanha vis pancadas
 Em banquetes de sangue arrancado em ciladas
 Na trincha oposta, onde o boche reina e impera
 Em rasgos e expansões de forte besta-fera
 Um oficial audaz, olho do batalhão
 Descobriu dum morteiro grosso, a posição
 Maquinismo feroz que se cumpre o dever
 Ao perto e ao longe tudo faz estremecer

Eis passa um general com seu estado maior
Tenentes, capitães, e creio que um major
E ao saber que existia ali a posição
Caiu sobre os joelhos e disse: - Perdão!
Consente-me que passe; sabes que é preciso
Dar exemplo ao soldado, fingir o sorriso
Para que elle veja em mim virtude, um nobre exemplo
De guerreiro d'outrora. Mas eu te contemplo
Com o maior respeito; nunca te fiz mal.
É certo que por vezes do Quartel General
Em notas irritantes cheias de iniquidade
Ordeno muito tino, muita actividade
Mas nada mais; já ves portanto que o meu crime
É bem banal e encerra apenas, elle exprime
A pretensão sabuja de mostrar tesura
Que não tenho, confesso. Mas a morte é dura
E eu não quero morrer; por isso tem paciencia
Esparge sobre mim um pouco de clemencia
Que a minha cobardia, com respeito e agrado
Te dirá sempre: mil vezes muito obrigado.

E o morteiro feroz com seu enorme bôjo...
Sorriu... tremeu de raiva... e cuspiu com nôjo

Passa depois o chefe de certa brigada
Muito pressuroso e prôa alevantada
E ao conhecer a história do grosso morteiro
Deixou de ser um chefe... para ser sendeiro
Titubiou, vacilou, perturbou-se e caiu
Depois dum silencio enorme, quando sentiu
Reanimar-se, disse assim: - Morteiro amigo!
Eu tenho em Portugal, velho solar antigo
Cheio de raridades do mais alto preço!
Pois bem, deixa-me passar, eis o que te peço,
Dez minutos somente de treguas na guerra
E prometo levar-te para a minha terra.
Para no meu solar servires d'ornamento
Em rico salão nobre e cheio de espavento
E se um dia morrer, hei-de deixar escrito

Que tu foste a mais nobre arma deste conflito
E assim atestarás depois à eternidade
Como nós espalhamos a – Fraternidade!

E o morteiro feroz com seu enorme bôjo
Sorriu... tremeu de raiva... e cuspiu com nôjo.

Aproximou-se então um cachapim tonante
Com ar superior, nojento, revoltante
Imensas ordenanças quaes tristes jumentos
Carregam com mil mapas e regulamentos
Mas ao saber ali da triste aparição
Ficou desnortado e gaguejou então:
Com a minha inteligencia eu posso num momento
O kaiser derrubar e o proprio firmamento!
Com um papel e um lapis, arte, genio e manha
Eu faço derruir num ápice a Alemanha!
Olhando bem para mim, assim de frente a frente
Vê-se logo que eu tenho um cerebro potente!
E para corroborar tudo isto afinal
Olhai-me bem e vêde as palmas e o braçal.
Pois palmas e braçal, tudo isto eu dou, morteiro!
Se prometeres deixar-me o meu corpinho inteiro
E dou-te mais ainda planos de exterminio
Para espalhares a dôr, a dôr e o teu dominio
E se não estás contente ainda, paciencia,
... Só posso dar-te mais a minha inteligencia
E assim poderás tu encher a tua pança
À custa de mil bifés e da propria França

E o morteiro feroz, com seu enorme bôjo
Sorriu... tremeu de raiva... e cuspiu de nôjo

De subito um alferes que tudo tinha visto
Assoma na trincheira como um imprevisto
Vem nervoso, colerico, d'olhos em braza,
O seu olhar crepita, fere, mata, abraza
E meditando assim em tanta vilania
Que por ali passava em todo aquelle dia

Estremece febril; e como um furacão
Dirige-se para a linha todo em convulsão
E quando chega ali, subindo ao parapeito
Assim fala ao morteiro descobrindo o peito:
- Que pena a minha Patria, terra de braços,
Agasalhar em si canalhas e poltrões!
Nunca julguei em terra de herois e guerreiros
Pudesse haver assim tamanhos embusteiros!
Nunca, jamais, em tempo algum sequer um dia
Pensei de Portugal em tanta covardia
Nunca julguei que em campo de heroes e façanhas
Pudessem aparecer sabujices tamanhas!
Que nunca ninguém saiba os crimes deste dia
Que eu não quero viver em tanta porcaria
Por isso, ó morteiro te peço bem do fundo
Dispara um tiro só, leva-me do mundo

E o morteiro bojudo, o morteiro audaz
Expediu um pesado... e matou o rapaz